

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2717-5>.

Jorge António Araújo
Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão
jorgemontanhaa@sapo.pt

Carlota Simões, diretora da Imprensa da Universidade de Coimbra, no prefácio ao *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel*, escreve que a publicação da obra «assinala simultaneamente o quarto centenário da canonização de Santa Isabel (25 de maio de 1625) e o sétimo centenário tanto da peregrinação da Rainha a Santiago de Compostela (25 de julho de 1325) como da morte do Rei D. Dinis, fundador da Universidade de Coimbra (7 de janeiro de 1325)» (p. 6). Dizemos nós que não deveriam ser necessárias tais efemérides para se proceder à revisitação de um texto que já há muito pedia – e pede – estudos mais aprofundados, bem como a disponibilização de uma nova edição para um público alargado¹. Sabemos, porém, como em Portugal tantos trabalhos se concretizam apenas pela passagem de efemérides, granjeando, desse modo, maior visibilidade e mais apoios institucionais. No caso da obra em apreço, a lista de parcerias institucionais é de salientar.

Os autores dos estudos, que assinam a introdução, são quatro: Maria José Azevedo Santos, António Manuel Ribeiro Rebelo, Francisco Pato de Macedo e Isaias Hipólito, assumindo os três primeiros a coordenação da obra. Conforme anunciam, são quatro autores «de formações diferentes mas complementares» (p. 9), que convocam múltiplos saberes e distintas abordagens de investigação, constituindo esta visão colaborativa e interdisciplinar um dos pontos fortes da obra. O objeto de estudo, tal como por diversas

¹ A tiragem da edição impressa, encadernada com capa dura, de grande formato, é de apenas 500 exemplares, mas a obra está disponível *online*, em acesso aberto, no endereço: <https://monographs.uc.pt/iuc/catalog/view/515/1182/2070-1>

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n.º 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

vezes é também referido (pp. 9, 27, 52...), é o códice manuscrito do século XVI intitulado *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, conservado no Museu Nacional de Machado de Castro sob o n.º 2221, e já por diferentes vezes editado². Mas esse objeto de estudo deveria ser também, parece-nos, o texto hagiográfico do século XIV da *Legenda da Rainha Santa Isabel*, de que o referido códice constitui a cópia mais antiga hoje conhecida. Nem sempre fica clara a distinção entre objetos (texto e códice) e, por vezes, gera-se até alguma confusão, uma vez que os autores optaram, assumidamente (p. 27), mas sem justificar, por dar ao texto hagiográfico do século XIV o mesmo título do códice do século XVI (*Livro que fala da boa vida...*)³. Isto mesmo tendo em consideração o facto de o manuscrito editado se tratar de uma cópia bastante tardia, que não teve sequer como modelo o original do século XIV, e de, no passado, outros investigadores e editores terem feito essa distinção designativa – desde Frei Francisco Brandão, no século XVII. É nosso entendimento, até pelo estado ainda inconsistente dos conhecimentos atuais sobre este texto, que seria mais prudente e menos ambíguo distinguir as duas designações, precavendo possíveis confusões em leitores menos atentos, sem tomar imediatamente este *Livro que fala da boa vida...* como «título original» (p. 27) do texto do século XIV⁴.

Ainda assim, não há dúvidas de que os autores, centrando-se no códice do século XVI, também se debruçaram sobre o texto da *Legenda da Rainha Santa Isabel*, pelo que o deveriam ter incluído como objeto de estudo. No primeiro capítulo da obra, Maria José

² Para uma análise às anteriores edições, veja-se o artigo de Isabel Rosa Dias (2009).

³ Apenas um exemplo, entre outros, dessas confusões está no capítulo segundo, quando António Rebelo escreve: «Convém sublinhar que o códice n.º 2221 do MNMC é um testemunho de um texto originalmente composto entre 1336 e 1337. A data da redação do *Livro que fala da boa vida...* não suscita grandes dúvidas: o *terminus post quem* encontra-se implícito já que a obra só poderia ter sido escrita após o dia 4 de julho de 1336, data da passagem para glória eterna de Santa Isabel. Esse marco cronológico não apenas situa o manuscrito no período imediato à morte da soberana, mas também reafirma o seu valor singular como uma das primeiras manifestações hagiográficas dedicadas a esta figura luminosa da história de Portugal» (Rebelo, 2025: 27). Atente-se na indicação de que o marco cronológico «*situa o manuscrito no período imediato à morte da soberana*» (itálicos nossos). É óbvio que o autor não se refere ao códice quinhentista intitulado de *Livro que fala da boa vida...*, sobre o qual se centra a obra. No entanto não deixa de haver aqui uma ambiguidade.

⁴ Mas diga-se que também Isabel Rosa Dias (2009: 575) considerou que a narrativa biográfica original deveria ter o título «que as cópias posteriores foram reproduzindo», ou seja, *Livro que fala da boa vida...*

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

Azevedo Santos pretende discorrer sobre algumas das fontes escritas, «de natureza diplomática diversa» (p. 13), de que se serviu o autor da hagiografia trecentista da rainha D. Isabel, como testamentos, atos tabeliônicos, cartas de doação, cartas de petição ao Papa e epístolas, que a autora considera serem, «pelo seu ímpar valor, património documental da Humanidade» (p. 19). O que temos, porém, é essencialmente uma referenciação e análise de documentos sobre a rainha, sem que os mesmos sejam colocados em efetiva relação com o texto da *Legenda*. Faltam tabelas de correspondência, comparações que demonstrem a intertextualidade entre os documentos e a hagiografia. A introdução de um ponto, neste capítulo, relativo ao episódio da peregrinação da rainha a Santiago de Compostela parece igualmente deslocada face ao que se pretendia, atribuindo-se demasiado destaque a algo a que a própria *Legenda* dedica pouco espaço textual – conforme, aliás, Maria José Azevedo Santos refere (p. 22). Ao terminar o capítulo, salta à vista, por outro lado, a escassa atenção dada aos atos notariais relativos aos milagres da rainha (como, por exemplo, aquele que Giulia Rossi Vairo (2004) estuda e publica – em artigo que está ausente das referências bibliográficas), bem como o esquecimento de uma referência a José Joaquim Nunes entre aqueles que, no século XX, publicaram o mesmo texto (mesmo se nos capítulos posteriores tal omissão é corrigida).

Acima de tudo, não podemos deixar de questionar a ideia de Maria José Azevedo Santos quando escreve «que a transmissão da narrativa em apreço [da *Legenda da Rainha Santa Isabel*] se fez essencialmente, pelo menos até finais do século XV, por via oral» (p. 24), sem fazer uma única menção à *Crónica de Portugal de 1419* (Calado, 1998), obra que já conheceu o texto hagiográfico da rainha. A omissão da *Crónica de Portugal de 1419* (doravante C1419) constitui um lapso assinalável, transversal a todo este trabalho, estando ausente da lista final de referências bibliográficas. Não se trata de uma questão menor, uma vez que esta ausência condiciona várias e relevantes afirmações que são feitas na obra. Por exemplo, no segundo capítulo, António Manuel Ribeiro Rebelo especula que o condestável D. Pedro poderia ter na sua posse uma cópia da *Legenda da Rainha*, e que dela se teria servido para redigir o final da sua *Sátira de infelice e felice vida* (p. 34), sem colocar sequer a possibilidade de a fonte do condestável ser a C1419 – hipótese bastante plausível, depois de Filipe Alves Moreira (2013: 329-341) ter demonstrado que D. Pedro

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

(ou algum amanuense ao seu serviço) teve acesso a uma cópia desta crónica. Podendo constituir uma inovação bastante pertinente, parece-nos que a questão merecia uma demonstração, por via de uma análise mais aprofundada que incluisse a confrontação com a C1419. O mesmo sucede nas diferentes ocasiões em que António Manuel Ribeiro Rebelo afirma, a nosso ver, com excessiva convicção, que também o cronista Rui de Pina se serviu da *Legenda* para a redação das crónicas de D. Dinis e de D. Afonso IV (pp. 30, 49, 62). Ora, não é isso o que nos dizem as análises textuais (Araújo, 2024: 540-551). Pelo contrário, a versão de Rui de Pina está mais próxima da C1419, e até de alguma documentação notarial, do que da *Legenda da Rainha Santa* – e um simples milagre comum aos dois relatos não justifica conclusões precipitadas. No passado, já Helena Costa Toipa (2020: 27) havia referido que nem todos os milagres contados por Rui de Pina encontravam correspondência na *Legenda*, tendo necessariamente outra proveniência. Se tivessem sido feitas as devidas confrontações textuais, também a hipótese, lançada por Rebelo, de Damião de Góis ter compulsado a *Legenda da Rainha* (pp. 43-45) poderia ficar em risco. Rebelo aponta, nomeadamente, uma divergência relevante entre um texto atribuído a Damião de Góis⁵ e a lição presente no *Livro que fala da boa vida...*, na qual o humanista se refere ao mosteiro de Odivelas onde o *Livro* fala do mosteiro de Chelas. Ora, foi já visto que esta troca (de Odivelas por Chelas) se encontrava já na *Crónica de D. Dinis*, de Rui de Pina (Araújo, 2024: 543-544), e não é sequer colocada a hipótese de ter sido a obra do cronista-mor do rei D. Manuel a fonte de Damião de Góis, e não propriamente a *Legenda da Rainha Santa*⁶. O que mais admira, ainda assim, é a certeza com que todas essas afirmações são feitas, sem crítica ou demonstração.

Se o objetivo de semelhante especulação envolvendo o condestável D. Pedro, Rui de Pina e Damião de Góis era abordar a receção e posterioridade da *Legenda da Rainha Santa*, julgamos que, à falta de análises mais aprofundadas, poderia ter sido bastante mais

⁵ A *Lenda da Rainha Dona Isabel chamada a Sancta mulher delrei Dom Denis a qual fundou a Casa do Spirito Sancto da vila d'Alanquer*, conservada num manuscrito do século XVI da Biblioteca Nacional, com a cota IL-223.

⁶ É Rui de Pina, aliás, quem se refere ao apostema («huma apostemaçam») de que Góis também fala no âmbito do mesmo assunto, e não a *Legenda da Rainha* (Araújo, 2024: 543).

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

proveitoso atentar nos testemunhos manuscritos seiscentistas do texto, aqui ignorados. Isso mesmo se vê pelo «*stemma* mínimo e simples» (p. 58) que nos é apresentado, sem inclusão tanto de cópias derivadas do códice quinhentista como do seu antígrafo, pelo que nos fica uma perspectiva isolada e incompleta da transmissão do texto.

Por outro lado, quando se trata de abordar a autoria do texto hagiográfico, é estranho que nenhum dos autores traga à colação outras possibilidades para além da de Frei Salvado Martins (confessor e testamenteiro da rainha, bispo de Lamego), nem problematize a questão. Mesmo quando chega a ser recordada a ideia dos Bolandistas, de que a autoria do texto poderia até ser de uma mulher (pp. 29-30), nunca chega a ser sequer mencionado o nome de Isabel Cardona, em tempos também sugerido como uma possibilidade (McCleery, 2006: 672-673).

É claro que também há novidades a destacar na obra recenseada. Por exemplo, a questão da datação da produção do códice e do seu percurso até à integração no acervo do Museu Nacional de Machado de Castro são pontos que constituem uma inovação. Pertinente é também a investigação em torno do destino do “códice antigo”, do século XV, a partir do qual foi copiado o *Livro que fala da boa vida...*, com o contacto dos herdeiros de José Gaspar da Graça Júnior, seu antigo proprietário. Mesmo tendo sido uma procura até agora infrutífera, era um caminho que importava fazer e que pode deixar pistas úteis para a futura redescoberta do paradeiro daquele manuscrito. No terceiro capítulo, sobre o contexto de produção do códice quinhentista, destacamos a análise de Maria José Azevedo Santos às marcas de água e as novidades na abordagem paleográfica e codicológica. Francisco Pato de Macedo traça uma pertinente relação iconológica entre as iluminuras do manuscrito, acrescentadas em 1592, a gravura da rainha santa impressa em 1560 e o espírito devocional do tempo, no quarto capítulo. Também da responsabilidade de Maria José Azevedo Santos é a transcrição integral e rigorosa do códice, de acordo com as normas do Padre Avelino de Jesus da Costa, à qual se segue a reprodução fac-similada, em grande formato e com muito boa resolução, que certamente contribuem para trazer esta obra para os nossos dias e torná-la acessível ao público em geral e aos investigadores (capítulos quinto e sexto). Nesse sentido, são ainda

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

instrumentos de enorme pertinência e utilidade os índices desenvolvidos por Isaías Hipólito, cujos critérios de elaboração o autor trata de explicitar detalhadamente.

Concluindo, é de louvar a iniciativa em torno deste *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel*, obra que merecia já uma nova edição e estudos de fôlego, fosse ou não no âmbito de uma efeméride. Ficará certamente como uma obra de referência sobre o tema, pela sua utilidade e por algumas das novidades que traz. Não deixa, ainda assim, e como em qualquer trabalho, de ter alguns aspetos mais problemáticos e questionáveis, que concedem muito espaço para novos estudos e posteriores aprofundamentos.

Bibliografia

ARAÚJO, Jorge António de Meneses Montanha Ferreira (2024), *Rui de Pina: um “cronista global”?*, Tese de Doutoramento em História, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CALADO, Adelino de Almeida, ed. (1998), *Crónica de Portugal de 1419*, Aveiro, Universidade de Aveiro.

DIAS, Isabel Rosa (2009), “A Narrativa da vida e milagres da Rainha Santa Isabel: testemunhos e edições” in Jesús Cañas Murillo, F. Javier Grande Quejigo e José Roso Díaz (ed.), *Medievalismo en Extremadura: estudios sobre literatura y cultura hispánicas de la Edad Media*, Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 575-588.

McCLEERY, Iona (2006), “Isabel of Aragon (d. 1336): Model Queen or Model Saint?”, *The Journal of Ecclesiastical History*, vol. 57(4), pp. 668-692.

MOREIRA, Filipe Alves (2013), *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

REBELO, António Manuel Ribeiro (2025), “História e fortuna do ‘Livro que fala da boa vida...’”, in Maria José Azevedo Santos, António Manuel Ribeiro Rebelo e Francisco Pato de Macedo (coord.), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona*

Jorge António Araújo - SANTOS, Maria José Azevedo; REBELO, António Manuel Ribeiro; MACEDO, Francisco Pato de, coord. (2025), *Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-2716-8, 244 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 2 2025. 249-255.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2r1

Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 25-65.

TOIPA, Helena Costa (2020), *Rainha Santa Isabel: fontes para o seu estudo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

VAIRO, Giulia Rossi (2004), “Le Origini del processo di canonizzazione di Isabella d’Aragona, Rainha Santa de Portugal, in un atto notarile del 27 Iuglio 1336”, *Collectanea Franciscana*, 74(1-2), pp. 147-193.